

Abastecimento das ilhas em risco

Quatro navios parados em Lisboa apesar da requisição civil

Apesar da requisição civil decretada pelo Governo da República, havia ontem 4 navios em Lisboa que não estavam a receber carga porque não havia estiva.

A empresa de estiva de Lisboa Sotagus acusou o sindicato dos estivadores de inviabilizar o transporte de alimentos e material médico para a Madeira e Açores, apesar da declaração de estado de emergência.

O Sindicato dos Estivadores e Actividade Logística (SEAL) nega as acusações e pede a intervenção do Governo para acabar com o que diz ser um “lockout” (interdição do acesso a locais de trabalho a alguns ou à totalidade dos trabalhadores) criminoso”, face à proibição de entrada no Porto de Lisboa dos 134 estivadores da empresa A-ETPL, Associação-Empresa de Trabalho Portuário de Lisboa, em processo de insolvência.

Segundo um comunicado da Sotagus, “dos 29 trabalhadores que se deveriam apresentar ao trabalho às 8 da manhã de ontem, apenas cinco o fizeram, o que não permite ter sequer uma equipa mínima para trabalhar os navios”.

“O estado de emergência entrou em vigor à meia noite de ontem. Apesar de, por efeito directo da alínea c) do artigo 4.º do Decreto que declara o estado de emergência se determinar a suspensão da greve, o SEAL mantém-se ilegalmente em greve”, acrescenta o comunicado da Sotagus, que diz já ter comunicado às autoridades que a maioria dos trabalhadores do quadro (das empresas Sotagus e Liscont, ambas do grupo turco Yilport) estão a “incumprir o estado de emergência”.



Confrontado com as acusações da empresa, o presidente do SEAL, António Mariano, disse que o sindicato, “em função do número de trabalhadores requisitados pela Sotagus, colocou todos os estivadores do quadro da referida empresa que estavam disponíveis”.

“No que respeita aos 134 trabalhadores da A-ETPL, Associação Em-

presa de Trabalho Portuário de Lisboa, nenhum deles foi colocado no turno da manhã de ontem, porque estavam todos convocados para uma reunião com o administrador de insolvência, ontem de manhã, mas que foi desconvocada na quarta-feira à noite.

“O segundo turno, com início às 17h, já vai contar com os estivadores da A-ETPL, pelo que haverá condições para corresponder a todas as solicitações das empresas de estiva, mas o problema poderá manter-se, caso as empresas persistam em considerar que estes trabalhadores estão despedidos. Consideramos que se trata de

uma posição insustentável e convidamos as empresas a fazerem prova de que estes 134 trabalhadores foram despedidos”, disse António Mariano.

Em comunicado divulgado após a tomada de posição da Sotagus, o SEAL apela ao Governo para que tome a iniciativa de “redesenhar os serviços essenciais para combater a pandemia, que obrigue os patrões a recuar no ‘lockout’ que engendraram e que encontre soluções para que todos os estivadores de Lisboa tenham condições para aceder ao trabalho que, nos últimos dois dias, foram impedidos de realizar”.

“Se não aparecer uma autoridade, governamental ou portuária, que impeça a continuação deste ‘lockout’ criminoso, e que crie condições para que metade dos estivadores de Lisboa possam trabalhar nos serviços mínimos para os quais o SEAL os continua a colocar diariamente, os navios que escalam Lisboa continuarão parados”, adverte o comunicado do sindicato.

Para o Presidente do SEAL, “é estranho que depois da requisição civil e da declaração do estado de emergência para colocar o Porto de Lisboa a funcionar em condições normais e a dar resposta às necessidades decorrentes da pandemia Covid-19, os patrões continuem a deixar sem trabalho metade dos estivadores do Porto de Lisboa”.

Empresários dos Açores apelam ao Governo da República para assumir a operação de carga

A Câmara do Comércio e Indústria dos Açores considerou ontem “repugnante” a atitude dos estivadores em não obedecerem à requisição civil, “numa altura crítica para o país e para a região”.

Os empresários açorianos dizem que a requisição civil, já decretada, não é suficiente para resolver esta situação, apelando, por isso, ao Governo da República, que “ao abrigo do estado de emergência, assuma a operação de carga dos navios e tome as devidas providências em face da posição incompreensível e desrespeitadora da lei por parte dos sindicatos, aplicando as sanções que se impõem”.

De acordo com a revista “Cargo”, antontem estavam quatro navios com trabalhos pendentes: dois no terminal de contentores de Santa Apolónia (Sotagus) e um terceiro no termi-

nal multipurpose (TSA).

O ‘Corvo’, o ‘Furnas’ (ambos com destino a Ponta Delgada), o ‘Pengalia’ (com destino ao Caniçal) e o ‘Monte Brasil’ são os navios em questão.

O ‘Corvo’ deu entrada no Porto de Lisboa no passado dia 15 às 10:49, tendo atracado às 12 horas, proveniente de Leixões.

Tinha previsto movimentar 320 contentores (carga e descarga) e 60 movimentos de carga geral.

Nesse dia inicial, e, no que toca ao período das 8 às 24 horas, o total alocado de estivadores para esta operação seria de 16 pessoas, tendo o sindicato alocado 13.

Destes 13 activos, faltaram 3 mas as operações ocorreram, tendo sido efectuados somente 40 movimentos, apurou a Revista Cargo.

No dia 16 e no período das 8-17 ho-

ras, o total alocado de estivadores seria de 20 pessoas, tendo o SEAL alocado 16 - 5 faltaram, o que impediu a operação do navio. Entre as 17-24 horas, o navio trabalhou com 21 estivadores - faltaram 2 - tendo efectuado 63 movimentos.

No dia 17, o navio esteve parado, assim como no dia 18 entre as 8-17 horas.

Face à indisponibilidade de pessoal, o Terminal remeteu lista de pessoal dos quadros privativos da concessionária bem como da concessionária Liscont (operador portuário que tem licença geral para operar na área de jurisdição do porto), solicitando nomeação por parte do sindicato - esta era o ponto de situação até às 17 horas.

O ‘Furnas’ entrou no Porto de Lisboa no passado dia 17 às 05:31, tendo

atracado às 08.15 horas, proveniente de Ponta Delgada e com destino ao mesmo porto, tendo previsto embarcar e desembarcar contentores e carga geral fraccionada.

Nesse mesmo dia foi solicitado pessoal para o turno das 17 às 24 horas, mas as operações não ocorreram. Já no dia 18, as operações não ocorreram, encontrando-se o navio parado.

Já o navio ‘Monte Brasil’ (também no terminal multipurpose) proveniente do Caniçal e com destino a Ponta Delgada (outro navio que se inclui no lote daqueles que farão abastecimento às ilhas) que atracou no dia 17 de Março em Lisboa, pelas 10.30 horas, também se encontrava ontem em standby, não tendo operado no período das 17-24 horas do dia 17 e também no dia 18 no turno das 8-17 horas. O navio espera a recepção de contentores.